

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

JULIENE SILVA DE BARROS

***“PAI CONTRA MÃE” E “FATHER AGAINST MOTHER”, DE MACHADO DE  
ASSIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA TRADUÇÃO***

Garanhuns

2019

Juliane Silva de Barros

***“PAI CONTRA MÃE” E “FATHER AGAINST MOTHER” DE MACHADO DE  
ASSIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA TRADUÇÃO***

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Unidade Acadêmica de Garanhuns da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Graduado em Letras – Português, Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque  
Fernandes

Garanhuns

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

B277p Barros, Juliene Silva de  
"Pai contra mãe e father against mother de Machado de Assis: uma análise comparativa da tradução" / Juliene Silva de Barros. – 2019.  
55 f.

Orientador: Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)–  
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento  
de Letras, Garanhuns, BR-PE, 2019.

Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s)

1. Tradução e interpretação 2. Literatura brasileira |  
3. Contos brasileiros I. Fernandes, Carlos Eduardo  
Albuquerque, orient. II. Título

CDD 418.02

Juliane Silva de Barros

**“PAI CONTRA MÃE” E “FATHER AGAINST MOTHER” DE MACHADO DE  
ASSIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA TRADUÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Unidade Acadêmica de Garanhuns, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UAG-UFRPE), como requisito para a obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Letras – Português, Inglês e suas respectivas literaturas.

Aprovado em \_\_\_\_ de janeiro de 2019

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes- Orientador  
UFRPE – UAG

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr. Diana Vasconcelos Lopes  
UFRPE – UAG

---

Prof. Dr. Rogerio Cavalcante de Moura  
UFRPE – UAG

*A você, Gabriel, por me amar primeiro.*

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente agradeço a Deus que se fez presente no silêncio da madrugada, por ser eterno e doar um amor infinito e permitir que em minha jornada pudesse desfrutar de momentos poéticos e inspiradores; por ter sido meu auxílio e cúmplice na preparação desse trabalho.

A todos os amigos presentes nestes tantos anos de vivências e aprendizados, em especial Juinin, Lino, Ribamar, Kallyane e Cris. Vocês tornaram possível uma Juliene composta por várias outras, mutáveis, mutantes, ora questionadora, ora intuitiva e, acima de tudo, humana.

À paciência do Ilustríssimo Professor, amigo e orientador Carlos Eduardo, por ter confiado na orientanda, mais ausente e avoada do planeta, por fazer florescer em mim de maneira irrefutável o desejo de concluir esta etapa em minha vida.

A todos os professores que compõem o corpo docente do Curso de Letras na UFRPE – UAG; por ensinarem o que aprenderam após anos de estudo e dedicação, excepcionalmente aos professores Orison Mardem, Monaliza Rios, Carlos Eduardo e Diana Vasconcelos pelas melhores aulas que já participei na vida.

Aos os Professores que irão compor a mesa examinadora por despenderem de seu tempo e cuidado para análise desse trabalho.

Por fim e não menos importante à minha encantadora e amada família, Lauro e Gabriel, pelas brigas, reconciliações, apoio, abnegação e por aceitarem dançar comigo no baile da vida.

(...) ninguém me há de ver contar nada sem um pensamento, uma descoberta, uma solução, um mistério, algo que valha a pena ocupar a atenção do leitor.  
(Machado de Assis, 1892)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o conto *Pai contra mãe*, do escritor Machado de Assis, comparando com o mesmo conto traduzido para a língua inglesa, *Father Against Mother*, pelo professor John Charles Chasteen. No conto, Machado muda o foco da representação psicológica das personagens para os acontecimentos que as envolvem, dessa forma, expondo, na relação latifundiário-homem livre-escravo, a sociedade em que a escravidão era ainda uma tendência. Para que haja a manutenção dessa relação na tradução do conto para o inglês é necessário que este vá além da questão linguística e considere também a cultura que está impregnada no texto original. Assim, para alcançar o objetivo definido e observar se acontece ou não a preservação do sentido do texto no idioma para o qual é traduzido, utilizou-se das pesquisas de Travaglia (2003), Arrojo (2003), Oustinoff (2011), entre outros estudiosos das Teorias da Tradução para fundamentar a análise do corpus. A análise é feita comparando as duas versões do conto, levando em consideração elementos linguísticos que evidenciam a manutenção do sentido do texto em relação a outros que o alteram e possibilitam outra leitura mantendo ou não a cultura que está sendo representada com o texto fonte.

**Palavras chave:** Teoria da Tradução; Pai Contra Mãe; Machado de Assis.



## ABSTRACT

This work aims to analyze the tale *Pai contra mãe*, by the writer Machado de Assis, comparing with the same tale translated into English, *Father Against Mother*, by Professor John Charles Chasteen. In the story, Machado shifts the focus from the psychological representation of the characters to the events surrounding them, thus exposing the relation between the landowner, free man and slave in a society in which slavery was still a trend. For this relationship to be maintained in the translation of the tale into English, it is necessary that it go beyond the linguistic question and also consider the culture that is impregnated in the original text. Therefore, to reach the defined objective and to observe whether or not the preservation of the meaning of the text in the translated language, the researches of Travaglia (2003), Arrojo (2003), Oustinoff (2011), among others scholars of Translation Theories it was used to support the analysis of the corpus. The analysis is made comparing the two versions of the tale, taking into account linguistic elements that evidence the maintenance of the meaning of the text in relation to others that alter it and allow another reading, maintaining or not the culture that is being represented with the source text.

**Keywords:** Translation Theory; Father against Mother, Machado de Assis.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 PRIMEIRA SEÇÃO – MACHADO DE ASSIS: DO BRASIL PARA O MUNDO .....	13
1.1 VIDA E OBRA MACHADIANAS .....	13
1.2 MACHADO DE ASSIS E A LITERATURA BRASILEIRA.....	15
1.3 MACHADO COMO TRADUTOR.....	17
2 SEGUNDA SEÇÃO – ESTUDOS SOBRE A TRADUÇÃO .....	19
2.1 TRADUÇÃO E TRAIÇÃO.....	19
2.2 TRADUÇÕES EM RELAÇÃO AO TEXTO FONTE .....	21
3 TERCEIRA SEÇÃO – <i>PAI CONTRA MÃE</i> : OLHARES COMPARATIVOS.....	23
3.1 PAI CONTRA MÃE vs FATHER AGAINST MOTHER.....	25
CONCLUSÃO .....	32
REFERÊNCIAS .....	34

## INTRODUÇÃO

A tradução é uma atividade desempenhada já há séculos. Seja entre elementos de uma mesma língua, seja entre elementos linguísticos de um idioma para outro. Além disso, o exercício da tradução pode ser compreendido não apenas pela prática da tradução escrita, mas em escala oral também, como, por exemplo, quando uma criança pede para que sua mãe explique o que significa determinada palavra. Octavio Paz (2009) explica que processo de aprendizagem, para a criança, se trata, essencialmente, de uma tradução e ainda mais, que o ser humano constantemente precisa disso, para explicar as palavras que lhe são estranhas, pois ainda não fazem parte de seu vocabulário.

Posteriormente teorizada, a tradução pode acontecer de três tipos: a interlingual, intralingual, intersemiótica. Cada uma delas leva em consideração determinado aspecto, sendo que a primeira escolhe significados equivalentes para os elementos linguísticos entre línguas diferentes, a segunda faz o mesmo procedimento, embora entre elementos de uma mesma língua e, por fim, há a tradução de um signo linguístico em signos não verbais, sejam sons, gestos, etc.

Considerando estes três tipos de tradução, nota-se que a quantidade de traduções de obras de um idioma para outro considera, mais comumente, o tipo de tradução interlingual, entre elementos similares na língua fonte e na língua alvo. No entanto, surge a dúvida quanto à fidelidade dessa tradução. Isto porque, cada texto evoca certos sentidos que só podem ser apreendidos na língua em que este foi escrito.

Desse modo, a tradução exata, palavra por palavra, desvaloriza a cultura que está intrínseca ao texto e acaba por produzir um texto que não carrega o sentido completo em si. Nesse caso, o processo de tradução deve levar em conta a cultura a fim de retextualizar o texto, mantendo-se fiel ao sentido. Transgredir isso faz do tradutor um traidor do texto. E nesse sentido percebe-se que falar em tradução é, ao mesmo tempo, falar de uma adaptação. Esta, em relação à gramática das línguas, possibilitando a manutenção do sentido e, conseqüentemente, da preservação da cultura própria que o texto fonte contém/expressa.

Nesse contexto, observamos o trabalho do escritor Machado de Assis. Cronista, crítico, poeta, romancista e, ainda mais, tradutor, ele se esforçava em manter

um mínimo de coerência entre a obra original e a traduzida. Mesmo que reescrevesse completamente trechos do texto fonte, ou houvessem erros de compreensão, seu trabalho fornece para os leitores perspectivas de leituras de obras estrangeiras no idioma português. É o caso do poema O Corvo, de Edgar Allan Poe, cuja tradução de Machado é uma das mais populares até os dias atuais.

Considerando a contribuição de Machado de Assis para a criação de uma literatura nacional, um dos temas mais trabalhados na sua obra, procura-se observar, neste trabalho a questão da tradução de um de seus contos para o inglês, a saber, se preserva e evidencia a cultura e possibilita ao leitor assimilar o contexto da época de produção do texto, além do enredo. Foi-se escolhido como corpus para análise o conto *Pai contra mãe*, publicado originalmente em 1906, por Machado de Assis, num Brasil que estava saindo de um período em que a escravidão esteve ainda em alta e, por isso, o “ofício” de caçar os escravos fugitivos era um dos mais populares na época.

Para cumprir com esta finalidade, o presente trabalho estabelece como objetivos específicos: (i) evidenciar os pontos de semelhança e discordância entre o texto original e a sua tradução; (ii) compará-las, de acordo com a teoria observada; (iii) constatar a manutenção ou não da cultura presente no texto.

A fim de atingir esses objetivos, utilizamos fundamentalmente das pesquisas de Luiz C. Travaglia (2003 apud CINTRA, 2008), Rosemary Arrojo (2003), Michael Oustinoff (2011), entre outros, que teorizam a respeito dos estudos da tradução, os seus tipos, etc. Este trabalho se divide, portanto, em três seções: na primeira, a partir de pesquisas, se constrói um pouco do perfil de Machado de Assis, tanto a respeito da sua obra, da sua influência enquanto cronista, contista, poeta, romancista e crítico, e, sobretudo, tradutor. A segunda seção apresenta as bases teóricas em que se debruçou a pesquisadora no intuito de compreender melhor a teoria da tradução. Por fim, a terceira seção buscará fazer uma análise comparativa entre o conto, utilizando o conto fonte, de Machado de Assis, e a tradução para o inglês, de acordo com John Charles Chasteen.

## 1 PRIMEIRA SEÇÃO – MACHADO DE ASSIS: DO BRASIL PARA O MUNDO

Machado de Assis foi um escritor muito conhecido da literatura brasileira. Sua obra abarcou todos os gêneros literários correntes à época e era constituída por um realismo tão dissimulado que tornava-se difícil especular se ela denunciava o contexto sócio histórico da época ou não (JUNIOR, 2014). Jornalista, cronista, contista, romancista, teatrólogo e poeta ocupou a cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Letras, estando, também, por mais de dez anos na presidência da ABL<sup>1</sup>. Além disso, atuou também como tradutor, trazendo para o português obras como *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo e diversos contos de Edgar Allan Poe.

A obra machadiana é de grande importância para o cânone literário brasileiro não apenas por ter sido uma vasta produção na época, como também por expor e representar diversos elementos constitutivos da sociedade, sobretudo as preocupações com classe, raça, cor, entre outras.

### 1.1 VIDA E OBRA MACHADIANAS

Joaquim Maria Machado de Assis, ou simplesmente Machado de Assis, como é popularmente conhecido, nasceu em 1839, na cidade do Rio de Janeiro. Filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, foi criado no Morro do Livramento. Perdendo a mãe muito cedo, Machado de Assis estudou como pode com o que tinha à sua disposição, uma vez que ele não possuía acesso a cursos regulares<sup>2</sup>. Não se deixou desanimar, porém, aprendeu diversas línguas de maneira autodidata e teve seu primeiro texto publicado ainda próximo ao final da adolescência.

Sua primeira publicação foi de um soneto, intitulado *À Ilma. Sra. D.P.J.A*, em um periódico quando tinha apenas 15 anos, em 1854. A partir de então seus escritos começaram a ganhar notoriedade, sobretudo porque, dois anos mais tarde ele iniciou o trabalho em uma tipografia, ascendendo ao cargo de revisor rapidamente e publicando, em outros jornais, críticas teatrais. Em 1861, Machado publica seu

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>> acesso em: 20, out, 2018.

<sup>2</sup> Texto fornecido pela Academia Brasileira de Letras, fonte acima.

primeiro livro traduzido (*Queda que as mulheres têm para os tolos*). Apesar disso, Machado “escondeu” quase toda a sua publicação até por volta do ano de 1869, isto porque, para ele, tinha um valor praticamente secundário (ROMERO, 1954). É o caso de *Desencontros* (1861), *O Caminho da Porta* e *O Protocolo* (1863) e *Crisálidas* (1864).

As obras de maior influência e que ganharam maior visibilidade foram produzidas apenas quando Machado já tinha seus quarenta anos. Foram publicações que ajudaram a compor o cânone da Literatura Brasileira logo após Machado de Assis assumir uma postura mais madura em relação ao romance da época. Dentre estas destacam-se *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó*, *Memorial de Aires*, entre outras.

Como poeta, sua desenvoltura era um tanto fria, embora seus poemas fossem bastante corretos. Produziu *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas*, *Ocidentais*, todos estes livros reunidos, em 1901, em um volume, *Poesias Completas*. Muitos dos seus poemas, publicados em jornais e periódicos da época acabaram sendo nunca reunidos em uma obra completa da poesia do escritor. No entanto, sobre seus poemas, pode-se afirmar que eles apresentam um diálogo com o popular na sociedade da época, satirizando e criticando muitas de suas particularidades:

“O cotidiano do Rio de Janeiro do Segundo Império encontra-se exposto em múltiplos detalhes, todos explorados com muito humor: política, nomes de rua, lei sobre animais, jornalismo, abertura de um novo banco, dívidas do tesouro, incêndio na Gamboa, Sociedade Protetora dos Animais, proibição da “capoeiragem”, discussão em torno do Poder Moderador, além de composições metalinguísticas e metapoéticas.” (CAMPOS, 2006, p. 36)

Ainda mais, este era um dos principais pontos que caracterizavam a escrita machadiana. O crítico dava excepcional atenção à forma, ao estilo, ao tom da obra (se era carregado de humor ou não) e ao pessimismo. Seu estilo era mais sóbrio, com termos corretamente utilizados de acordo com a norma da época relacionados à singeleza que possuía a forma dos seus textos (ROMERO, 1954). Não possuía coisas extravagantes, cores muito brilhantes, por exemplo, carecendo também de elementos da natureza, que apesar de estarem presentes nas suas produções não se apresentam de modo mais chamativo.

Suas obras são repletas de críticas, sejam crônicas, contos, poesias, ou até mesmo cartas a amigos (MIRANDA, 2016). Essa crítica reforçava um papel de orientação aos poetas, dando direcionamentos para a melhoria do seu trabalho, bem como, para o público, funcionava como guia, interpretando as obras para o mesmo (MIRANDA, 2016) e tinha como objetivo fundamentar as bases de uma literatura que estava em construção ainda, segundo o crítico (MIRANDA, 2016).

## 1.2 MACHADO DE ASSIS E A LITERATURA BRASILEIRA

A contribuição de Machado de Assis para a literatura brasileira, sobretudo para o conto e romance oitocentistas foi incomparável. Em toda a sua obra, o crítico teve o cuidado de trabalhar as personagens de modo que representassem muitos tipos brasileiros com desenvolvimento complexo, fugindo de uma simples decoração externa e criando verdadeiros tipos sociais e psicológicos que representam de fato sujeitos e dramas reais. Apenas como exemplo, podemos citar as personagens Carlos Maria, Freitas, Palha, Fernanda, Teófilo, Tonica, Camacho e o major Siqueira do romance *Quincas Borba*. Essas criações são fundamentais para o desenvolvimento de uma literatura (ROMERO, 1954).

O escritor possuía um conceito bem claro sobre o “instinto de nacionalidade” que fundamentava a criação de uma literatura nacional.

“Machado de Assis, que no início de sua carreira lançara mão dos ideais românticos principalmente ao tratar do teatro, na década de 1870 manifestava percepção aguda da inviabilidade do projeto de um *romance nacional extensivo, ambicioso na abrangência da representação de todo o Brasil e no cálculo de suas possibilidades de circulação pelas diversas regiões e estratos do país*” (GUIMARÃES, 2001, p. 71, grifo do autor).

Ao longo da década de 1870 seu modo de pensar passou por mudanças e ele começou a considerar o leitor como elemento fundamental da arquitetura narrativa. Ele estimulava a todos, principalmente os jovens, a lerem mais, valorizarem algo que é da sua pátria. Para ele a literatura brasileira, à época, é uma “literatura que não existe ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora” (ASSIS, 1938, p. 135 apud

MIRANDA, 2016). Por causa disto ele se dedicou mais à escrita de diversos gêneros literários: crítica, porque, segundo ele, não havia crítica doutrinária; romances, porque os romances que se dedicavam a inferir uma análise do contexto da época eram raros; contos, por ser um gênero de difícil escrita e apenas poucos conseguiram construir verdadeiras obras em poucas páginas; teatro, por não encontrar peças nacionais; poesia, apesar de falhar às vezes na impropriedade das imagens e obscuridade do pensamento (MIRANDA, 2016).

Ainda sobre esse instinto de nacionalidade, a necessidade e o desejo de construir uma identidade própria para a literatura brasileira e para si enquanto escritor, fizeram, de acordo com Freitas (2007), Machado diversificar a sua formação intelectual, agregando aos seus estudos Shakespeare, Sterne, Dickens, Pascal, Victor Hugo, estudando, meditando, lendo e relendo as obras destes autores. Essa formação na época não atraiu bons olhares e gerou a dúvida sobre se a obra machadiana era realmente nacionalista ou não (FREITAS, 2007), sendo esclarecida por Veríssimo (apud FREITAS, 2007) ao afirmar que ele envolve os traços de nacionalidade em um caráter universal exprimindo, antes, a alma do homem.

Machado de Assis vivenciou a transformação social do país, no século XIX, refletindo na sua produção, isto porque, ele mantinha-se tão atento ao meio em que vivia (ALBANO, 2006) que “o autor de Memórias Póstumas de Brás Cubas, ao escrever, era uma espécie de intérprete de sua época – um momento de “fermentação renovadora” que atingia a vida econômica, política, social e cultural do país” (ALBANO, 2006, p. 28). Ele buscava se apropriar das contradições ligadas à recorrência das ideias liberais em relação a uma cultura paternalista que se ancorava em práticas de trocas de favores (FREITAS, 2007), de modo que, consciente dos problemas de seu país e época, pudesse traçar uma reflexão em sua produção literária, caracterizando-a pela interação contínua entre a crítica, revisão e transformação (FREITAS, 2007). Esse processo valorizou a produção de Machado para uma literatura nacional que questionava a sociedade da época por intrincar seus dramas ao enredo de suas produções e aos problemas psicológicos das personagens, evidenciando o drama humano vivido também na época pelos mais variados tipos de pessoas.



### 1.3 MACHADO COMO TRADUTOR

Além de evidenciada preocupação com aspectos nacionais na literatura, o escritor ainda traduzia textos de outras línguas para o português, possibilitando o acesso a novas formas de cultura, apesar das discussões ocasionadas após as leituras. Muito tem sido estudado sobre Machado de Assis enquanto crítico, cronista, poeta, romancista, mas mostra-se praticamente ignorada a sua atuação como tradutor (MASSA, 2008 apud SETTE, 2013). Esta que foi algo que fez parte de sua trajetória, desde o início de sua carreira até sua maturidade, podendo dizer que o acompanhou até praticamente o final de sua vida. No entanto,

“não conhecemos nenhum documento que tenha sido escrito pelo próprio Machado de Assis e que nos fale sobre o modo como fazia suas traduções, nem há texto dedicado exclusivamente a refletir sobre sua prática tradutória, salvo uma ou outra nota de rodapé com informações meramente circunstanciais. Sobre as crenças e posicionamento de Machado de Assis a respeito da tradução, sabe-se pouco também” (FLORES, 2017, p. 179).

Ele traduziu várias peças de teatro, ensaios literários e históricos, poemas, contos totalizando um número aproximado de 46 textos cujos idiomas originais são o inglês, alemão, francês, italiano e espanhol (SETTE, 2013). Em muitos destes textos encontram-se erros de concordância que apontam para falhas na compreensão, porém não desmerecem o trabalho do tradutor, uma vez que eram as traduções que ele fazia que alimentavam sua imaginação para produzir textos autorais. Além disso, o próprio Machado tecia críticas aos tradutores da época, “a quem culpabiliza pelo atraso na formação de uma literatura nacional, apontando os equívocos de tradução e galicismos que ferem a língua pátria” (FLORES, 2017, p. 179).

A respeito dessas falhas nas traduções, críticos da época e atuais contestam a veracidade, para não dizer fidelidade, do trabalho de Machado como tradutor, tendo em vista as quantidades de omissões que se expressam nos textos. Esse questionamento, conforme Sette (2013), para Massa (2008) indicaria que não se tratava de uma tradução, mas de uma adaptação das obras para o português. Nesse sentido, o estudo realizado por Diego Flores (2017) a respeito do poema *Lua da estiva noite*, traduzido por Machado de Assis, cujo embasamento partiu do poema *Serenate*

de Longfellow, revela um pouco do modo de trabalhar do crítico, tradutor e escritor. Machado “se afasta, às vezes do sentido literal do texto, mas fica claro que o afastamento tem a função de manter o seu caráter poético, priorizando a reconfiguração dos aspectos formais sem, contudo, se submeter ao que o texto-fonte estipula” (FLORES, 2017, p. 189). Além disso, o escritor omite e não faz a tradução da primeira estrofe do poema, sem deixar o motivo explícito, mas mantendo uma relação análoga à semântica do texto-fonte (usando imagens diferentes, mas ainda assim remetendo-se à natureza) (FLORES, 2017).

Não podemos dizer, no entanto, que a tradução deste poema se trata de uma adaptação, uma vez que o escritor oitocentista busca recriar o poema fonte a partir de sua tradução utilizando o repertório que tem à disposição. Por exemplo, a métrica de um e outro diverge, porque os sistemas que são utilizados são diferentes (FLORES, 2017). Apesar disso, Machado parece ter consciência do trabalho que é exigido e o faz com maestria, equilibrando o tratamento entre conteúdo e forma.

## **2 SEGUNDA SEÇÃO – ESTUDOS SOBRE A TRADUÇÃO**

O processo da tradução está intrincado à fala. De acordo com Paz (2009), já na infância, quando a criança pergunta aos pais o significado disto e daquilo, ela, na verdade, está procurando por uma tradução daquele termo desconhecido para a sua linguagem. Assim acontece no decorrer da vida do sujeito, sempre procurando uma tradução dos termos que lhe causam estranhamento para a linguagem a qual é acostumado, quer na sua língua materna, quer em línguas estrangeiras, estas últimas em maior recorrência. E, por isto, atualmente, o número de traduções de obras – literárias, fílmicas, jornalísticas, entre tantas outras – de um idioma para outro é vasto. No processo de tradução deve ser levada em consideração a intenção comunicativa do texto, o discurso que ele carrega, além de uma certa fidelidade à obra, de forma que se discuta sobre essa última a questão da “traição” e adaptação nas obras traduzidas para outras línguas.

### **2.1 TRADUÇÃO E TRAIÇÃO**

A tradução, no entanto, não é um processo simples. Traduzir um texto não é o mesmo que traduzir um discurso (TRAVAGLIA, 2003 *apud* CINTRA, 2008). O discurso, quando traduzido faz parte da reescrita do texto, mas este não se trata apenas de uma sequência de palavras e frases organizadas seguindo a estrutura da língua. A tradução carece da interpretação do texto levando em conta o fator da textualidade que permite com que o texto literário, por exemplo, tenha uma vasta significação. Desse modo, a tradução não se trata de uma simples decodificação dos significados das palavras de uma língua em relação às suas semelhantes em outra língua, mas de retextualizar o texto que será traduzido, sendo que o processo da tradução é mais frequentemente descrito através da transferência ou substituição (ARROJO, 2003).

Essa retextualização se relaciona com a cultura tanto quanto com a produção de sentidos do texto. A escolha do léxico que se adequará ao sentido da palavra no idioma de que se quer traduzir leva em conta a cultura também. Desse modo, a

questão teórica que se relaciona a tradução encontra-se intrincada à cultura dos que a realizam, além dos discursos que são feitos sobre ela (CHANUT, 2012) de forma que a preocupação do tradutor seja a de produzir um texto traduzido que conserve o sentido, o discurso, a cultura passada através das construções linguísticas do texto original, isto é, “produzir um texto que soasse natural, fluente, e que o público pudesse alcançar a mensagem do texto traduzido como se fosse o próprio texto fonte” (ARAUJO, 2012, p. 66). Dessa forma, o trabalho do tradutor deveria seguir os princípios propostos por Alexander Fraser Tytler (1791 apud ARROJO, 2003, p. 13):

- 1) a tradução deve reproduzir em sua totalidade a idéia do texto original;
- 2) o estilo da tradução deve ser o mesmo do original; e
- 3) a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do texto original.

O problema a partir de então para a tradução, desde os tempos mais antigos, era o de: seria possível manter uma fidelidade? Para Araújo (2012), essa “fidelidade”, sobretudo em textos religiosos na antiguidade, vai influenciar uma prática de tradução que desconsidera alguns elementos culturais do original para adaptar e introduzir elementos da cultura do idioma ao qual se quer traduzir e, por isso, deve ser cuidadosamente observada. O papel do tradutor é o de transgredir a esse método fundamentalmente subjetivo. No entanto, é de acordo com isso, que se considera a diversidade de traduções em relação ao objetivo das mesmas, ou seja, o público a que se destina e em quais contextos elas são produzidas/carregam: histórico, geográfico, social, político e cultural (ARAUJO, 2012). Apesar disso, de os textos serem traduzíveis e levarem em conta os elementos citados anteriormente, “eles podem ser entendidos por alguém de forma totalmente diferente da forma com que o tradutor a entendeu; neste caso, fenômenos tais como ideologia e tempo podem ser decisivos em termos de sentido” (DUTRA, 2008, p. 5).

Desse modo, ao analisar o mesmo material linguístico, porém em línguas diferentes, Araújo (2012), chama atenção para o problema da equivalência linguística. Este já foi apontado por muitos outros estudiosos e teóricos linguistas. A tradução quando tida como um processo de transposição do conteúdo, desvincula a forma e o conteúdo atribuindo à ela um significado estável, fixo (CINTRA, 2008), tornando o papel do tradutor como mero condutor desse transporte de sentidos de uma língua à

outra. Além disso esse processo de desconsiderar os elementos extralinguísticos que tem relação direta com o texto, fazem do tradutor um traidor do sentido do texto (RODRIGUES, 2000).

Antes, porém, Travaglia (2003 apud CINTRA, 2008) aponta para o trabalho de retextualização, que envolve todos os elementos que conferem a textualidade, desse modo, fazendo uma substituição de um universo textual descritivo por outro. Percebe-se já uma mudança no papel do tradutor: se antes era considerado traidor por desconsiderar os sentidos evocados pelo texto, agora ele próprio atua como o sujeito que maneja os elementos que dão textualidade ao texto em um idioma e no idioma que se destina a tradução, tratando-os até mesmo sob perspectivas diferentes, corroborando com o que foi afirmado anteriormente, que a tradução leva em conta a intencionalidade de sentidos e o público alvo. Ela é um processo mais abrangente, pois envolve as condições de produção (CINTRA, 2008).

Por isso o trabalho do tradutor em manusear o sentido é frequentemente difícil (DUTRA, 2008), devendo ser feito com muito cuidado, ainda assim, mostrando ser um trabalho de interpretação de acordo com a ideologia da época. É esperado do tradutor que este saiba manusear corretamente o espaço da interpretação (DUTRA, 2008) de modo que sua atividade possa convergir com a escrita do autor e, ao mesmo tempo, oferecer credibilidade ao seu trabalho, conquistando o público leitor. Esse espaço da interpretação é o que pode tornar o tradutor um traidor da obra. Entretanto, considerando a tradução poética, literária, que não obriga a ser uma tradução pragmática, isto é, literal e, por sua vez, um decalque, ela equivale ao anexo da obra, fazendo com que leitor acredite “que ela foi escrita na língua da tradução, criando assim a ilusão do “natural”, da “transparência” característica das traduções” (OUSTINOFF, 2011, p. 64). Desse modo a tradução é fiel ao sentido da obra-fonte, mas uma traição, por assim dizer, à materialidade textual.

## **2.2 TRADUÇÕESEM RELAÇÃO AO TEXTO FONTE**

Os signos verbais podem ser traduzidos para outros signos de significação semelhante, numa mesma língua ou em outra, e também para signos não verbais que carreguem o mesmo sentido. Assim, a tradução linguística apresenta três tipos

essenciais, descritos por Jakobson (1999 apud ARAUJO, 2012) como: tradução intralingual, tradução interlingual e tradução intersemiótica. Todos focam no signo verbal como elemento principal composto de significado único.

A tradução intralingual: corresponde à tradução do signo verbal para outro signo que tenha um significado similar numa mesma língua. Esse processo ocorre utilizando sinônimos. Por exemplo, a palavra *casa* pode ser corretamente traduzida para a palavra *lar*, que possui um significado semelhante, mesmo que não seja o significado exato. Ambas dizem respeito à habitação/moradia.

Processo semelhante é a tradução interlingual, na qual não existe, por via de regra, uma equivalência completa entre as unidades do código (ARAUJO, 2012). Os signos verbais são traduzidos para signos equivalentes em outra língua. Seguindo o mesmo exemplo, as palavras *casa* e *lar*, no inglês podem ser traduzidas para os signos *house* e *home*, respectivamente, pois apontam semelhança de sentido, tanto em língua portuguesa quanto em língua inglesa.

Por fim, a tradução intersemiótica, que consiste na significação de um signo verbal através de um sistema de signos não verbais (imagens, gestos, sons, etc.). Para nosso trabalho, no entanto, convém lembrar que trataremos de uma tradução essencialmente interlingual, uma vez que observaremos os elementos de uma língua em relação a seus significados traduzidos em outra língua, no caso a tradução do conto “Pai contra mãe”, do escritor Machado de Assis, do português para o inglês.

A atividade da tradução é regulada, segundo Vieira (1996), por alguns parâmetros restritivos. A pesquisadora explica que o universo de discurso (conceitos, pessoas, lugares) e a língua original do texto a ser traduzido são fatores padronizantes para a interpretação e reescrita do texto literário. Isto porque, a tradução se torna responsável pelo estabelecimento de um cânone e possui papel na manipulação de palavras e conceitos que constituem poder em uma determinada cultura, de modo que garanta autoridade ao escritor, à instituição que publica a tradução, ao próprio texto, além do próprio tradutor (VIEIRA, 1996). Desse modo a tradução interlingual é um dos processos de tradução que mais leva em conta à questão cultural e discursiva para a produção de um texto traduzido que leve em conta a intenção do autor, mesmo que seja uma interpretação que parte de uma visão apenas (ARROJO, 2003).

Sabendo que a cultura tem papel decisivo na tradução, o ato de traduzir “implica lidar com as diferenças culturais que constituem até certo ponto uma barreira à

tradução” (CARVALHO, 2013, p. 73). Logo, a tradução de um texto-fonte para uma outra língua precisa manter-se fiel ao discurso cultural que aquele carrega, ao invés de ser fiel à literalidade da palavra, que, muitas vezes, em outro sistema de linguagem não possui um termo equivalente ou igual. Aqui entra o papel da tradução etnográfica, que também pode ser entendida como tradução descrição. Ela é uma “tradução de “coisas” e não de palavras”, isto porque “trabalha com a realidade extralinguística” (CARVALHO, 2013, p. 73).

A respeito disso, Antóine Berman (2007) discute que a atividade de traduzir pode ser representada em uma tradução hipertextual. Neste caso, o tradutor, antes de traduzir de fato, deve selecionar quais características estilísticas da obra original ele deseja manter, a partir de então ele produz um texto como se fosse o próprio autor. A partir daí podem surgir as adaptações do texto e outras variações. No entanto, ele retoma, novamente a questão da traição, uma vez que a letra e o sentido estão interligados. Assim, logicamente, o tradutor trairia o texto porque para transmiti-lo em outra língua, deveria, em certa medida, manipular o seu sentido ao reescrever as letras. Logo, o trabalho do tradutor envolve uma interpretação adequada da materialidade linguística do texto e dos sentidos e discursos culturais evocados por ela.

Tendo isso em mente, compreendemos que as coisas que correspondem à cultura de uma língua não são as mesmas que são reconhecidas em outras línguas (BRITTO, 2012) e, por este modo, uma tradução literal não é capaz de englobar todos os aspectos e particularidades de um texto literário.

### **3TERCEIRASEÇÃO – PAI CONTRA MÃE: OLHARES COMPARATIVOS**

O conto *Pai contra mãe* é um dos contos mais famosos de Machado de Assis, sendo considerado, também, anedótico (MERQUIOR, 1996 apud MANGUEIRA, 2009) por mudar o foco da representação psicológica das personagens para os

acontecimentos que as envolviam. Publicado em 1906 no livro<sup>3</sup>*Relíquias de Casa Velha* (MANGUEIRA, 2009) o conto narra a história de Cândido Neves, um jovem adulto que vive de emprego em emprego sem durar muito tempo neles, independente de se ganhava bem ou não. Quando conhece Clara, uma jovem costureira que mora com a tia (Mônica), ele decide que precisa de algo certo para que possa construir uma família, no entanto, não se livra do seu hábito de mal permanecer em um emprego.

Aprende o ofício de entalhador de madeira com o primo, mas logo abandona-o, estimulado pela possibilidade de fazer dinheiro com a caça a escravos fugitivos. Esta possibilidade é o ponto focal do conto, que expõe à sociedade em regime escravocrata a uma denúncia da própria escravidão e dos efeitos dela. A história de Cândido se resume ao acontecimento específico de capturar uma escrava fugitiva em troca da recompensa que possa tirar sua família e seu filho recém-nascido da situação de pobreza em que se encontra. Não havendo sucesso na captura, o pai tem de entregar a criança à Roda dos Enjeitados, pois de outro modo não terá condições para criá-la. Machado de Assis representa, neste conto, o drama familiar de criar uma criança durante o período do Império: o Pai do conto, expresso pela figura de Candido, que procura fazer o que é preciso para não se desfazer do fruto do seu desejo por Clara e expectativa do casal: um menino; a Mãe, a escrava que fugiu por ter engravidado, faz o que está em seu poder para manter seu filho, o pequeno feto que estava em desenvolvimento em seu útero.

No conto se representam três classes: por um lado os latifundiários/pessoas ricas, de posses e alugueis, por outro os homens livres e sua luta por manter uma morada e comida sempre na mesa, e, por último, estão os escravos, em que sobre eles é imposta a relação de domínio pelos homens ricos, sendo caçados pelos homens livres quando fogem.

Com um breve relato sobre o que se trata a narrativa, nesta seção confrontaremos o conto em sua língua original, o português, e uma versão traduzida para a língua inglesa<sup>4</sup>, constatando os elementos presentes nas duas narrativas que os aproximam e que os caracterizam de acordo com os pontos estudados em relação

---

<sup>3</sup> Para este trabalho, foi utilizada a versão digital, disponibilizada pela Universidade da Amazônia.

<sup>4</sup> A tradução para o inglês foi realizada por John Charles Chasteen, professor de História na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. O conto faz parte de uma obra que reúne outras narrativas de Machado de Assis, também organizada e editada pelo professor e publicada no ano de 2013.



à tradução. Na versão do conto em língua inglesa, ainda se pode encontrar uma espécie de prefácio do tradutor, em que constam algumas explicações sobre o conto, contexto de produção e publicação (ver anexo), que demonstra o trabalho de pesquisa realizado pelo próprio tradutor de modo que haja a manutenção de certa fidelidade na obra traduzida.

### **3.1 PAI CONTRA MÃE vs FATHER AGAINST MOTHER**

Inicialmente, no conto, Machado de Assis apresenta o contexto da época: “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais.” (ASSIS, 1995, p. 2), levando o leitor a criar uma imagem mental do Brasil do século XIX, em que persistia a escravidão e, nesse contexto, as fugas de escravos (REBELATTO, 2006) que utilizavam determinados equipamentos impostos pelos seus senhores tanto para facilitar a localização em caso de fuga quanto para controlar os vícios (de beber e roubar).

Este último, especificamente, utilizava dos “benefícios” de um determinado tipo de máscara. No conto original apresenta-se como “havia também a máscara de folha-de-flandres” (ASSIS, 1995, p. 2). A folha de flandres ou simplesmente flandres é uma espécie de material laminado composto por ferro e aço de baixo teor de carbono. Funcionava como uma espécie de lata, que prendia a boca do escravo. A tradução para o inglês utiliza “a metallic mask” (ASSIS, 2013, p. 62), indefinindo o material com que ela é feita, apenas mencionando que é metálica.

Além disso, pode-se observar a explicação para o roubo (steal) no trecho: “Without the vice of drunkenness, slaves lost the temptation to steal, because it was commonly a coin or two belonging to the master that they used to buy a drink (ASSIS, 2013, p. 62). Na tradução para o inglês, o autor descreve que o roubo é de uma ou duas moedas para comprar uma bebida, enquanto no português tem-se “porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede” (ASSIS, 1995, p. 2), sem especificar a quantia, tampouco a quantidade de bebida. Ainda assim, percebe-se manutenção do sentido, uma vez que o vintém, como vigésima parte do cruzeiro, era uma moeda de 20 réis, logo, falar em “uma ou duas moedas” apenas justifica a não presença da palavra “vintém” na língua inglesa.

Mesma palavra, no entanto, é substituída na tradução em inglês por uma expressão. Na fala de tia Mônica a Candido, pedindo que consiga um trabalho que lhe dê uma renda certa, ela expressa que “você passa semanas sem vintém” (ASSIS, 1995, p. 4). Em inglês a expressão utilizada para representar a equivalência de sentido foi “Weeks go by that you earn nothing at all” (ASSIS, 2013, p. 66), que em tradução livre seria “Semanas se passam sem que você ganhe algo”. A não utilização do termo “uma ou duas moedas” corrobora com a afirmação acima.

Significação similar acontece com a tradução para “roda dos enjeitados”. No século XIX as Rodas dos Enjeitados (ou expostos) eram instituições que se destinavam a cuidar de crianças abandonadas até os 7 anos de idade, depois disso eram encaminhadas para internatos ou para ofícios desde cedo<sup>5</sup>. Os rapazes chegaram até a aprender a guerra, enquanto que as moças eram treinadas para serem empregadas domésticas. O signo verbal contém um equivalente na língua inglesa, cujo significado permanece inalterado: “Foundling’s Wheel”. Apesar de não se tratar exatamente de uma “roda”, o termo é usado para designar um “Foundling Hospital”, em tradução livre, Hospital dos Enjeitados. Uma instituição criada a partir do London’s Christ’s Hospital, 1552, que abrigava órfãos e crianças ilegítimas<sup>6</sup>.

A construção sintática é diferente em ambos os contos em um trecho específico, em relação à Roda dos Enjeitados, em que a discussão entre Candido, Clara e Tia Mônica cresce:

It was in the last week of the last month that Monica advised the couple to leave the baby in the foundling’s wheel. There could hardly be a worse word for two young expectant parents, eager to kiss and care for their baby, eager to watch it laugh and grow fat and sassy. The foundling’s wheel! Candido looked in horror at the aunt and finally pounded his first on the dining table. The table was old and shaky and seemed about to collapse entirely. (ASSIS, 2013, p. 68)

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/s/www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/um-abrigo-para-bebes-abandonados-bz3wyr2ezy5uwepk6fn338d3i/ampgp>> Acesso em: nov, 2018.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://foundlingmuseum.org.uk/about/our-history/what-is-a-foundling/>> Acesso em: nov, 2018.

jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. (ASSIS, 1995, p. 5)

Enquanto o conto original contém duas perguntas: “Enjeitar quê? Enjeitar como?”, a sua tradução, uma exclamação: “The foundling’s wheel!”. No inglês, o verbo equivalente a “enjeitar” é “forsake” e, se utilizado para fazer as perguntas, deixaria o parágrafo sem a fluidez que tem. O tradutor, nesse sentido, como um traidor (RODRIGUES, 2000), embora não do sentido do texto, não foi fiel à exatidão dos termos, mas utilizou do termo “fondling’s wheel” para repetir e reafirmar a ideia da fala: entregar o pobre bebê à Roda dos Enjeitados. Sabendo que o trabalho de traduzir envolve manter-se atento ao sentido do texto, e que o próprio Machado de Assis, ao realizar a tradução de poemas de outros idiomas para o português, lançava mão de reescrever o texto utilizando outros termos, mas mantendo o sentido, pode-se inferir o trabalho de retextualização (TRAVAGLIA, 2003 apud CINTRA, 2008), que reescreve o texto, mas deixa o sentido inalterado.

A tradução para o inglês, levando em conta a cultura, não utilizou de algum signo que significasse a palavra “mulata”, permanecendo desse jeito no texto:

Most did not specify the reward; others offered a negligible amount. One, however, promised a hundred milréis. The notice described a woman, a young mulata, with details about her physical appearance and the clothes that she had been wearing when she ran away. (ASSIS, 2013, p. 70)

As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e vestido. (ASSIS, 1995, p. 6)

Não apenas este, como também “mil-réis” manteve a sua grafia, sem tradução para o inglês. Na versão para a língua inglesa, encontra-se, ainda, no mesmo trecho uma explicação mais bem detalhada para “indicações de gesto e vestido”: sua aparência física e as roupas que ela estava usando quando fugiu. O leitor muito provavelmente pode imaginar uma escrava morena, usando vestido surrado e uma máscara de flandres ou ferro no pescoço. É interessante notar que, ainda que se leia a versão em inglês ou português, a imagem é a mesma, isto porque o leitor formula a imagem de uma Arminda, a escrava fugitiva, de acordo com o texto, com

“details about her physical appearance and the clothes that she had been wearing when she ran away”.

No mesmo parágrafo ainda, nos chama a atenção, o acréscimo de elementos no conto, em inglês, em relação ao texto fonte:

Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. (ASSIS, 1995, p. 6, 7)

The next morning he went out to search around Carioca Square and in the neighborhood around the churches of Our Lady of Perpetual Help and Our Lady of the Good Birth, where the runaway had last been seen. He did not find her. His only lead came from an apothecary who remembered selling an ounce of some medication, three days earlier, to a woman who matched her description. (ASSIS, 2013, p. 70).

Se no texto fonte, Machado de Assis apenas nomeia as ruas por Rua do Parto e Rua da Ajuda, – nomes bastante significativos para a relevância do conto, uma vez que Candido acabara de ser pai, Arminda estava prestes a ser mãe e sua captura forneceria ajuda ao recém pai – no conto em inglês, o tradutor utilizou do signo “church” para indicar às ruas próximas a duas igrejas: de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e de Nossa Senhora do Bom Parto. Ambas referindo-se à Rua da Ajuda e Rua do Parto, respectivamente. Nota-se que, ainda que faça uso de elementos distintos aos signos utilizados no texto fonte, o sentido permanece praticamente o mesmo, com exceção de que, em português não se tem conhecimento de que haveriam igrejas nas ruas acima citadas. Dessa forma, o texto em inglês perde as metáforas que os nomes das ruas indicam ao contexto do enredo do conto: um pai que necessita de ajuda e provoca um parto forçado, terminado em aborto, contra a mãe escrava fugida.

Nas duas versões do conto também pode se notar outra mudança em relação aos nomes de ruas, apesar disso, o sentido não é prejudicado. No trecho a seguir, constituído por dois períodos:

Candido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma, no extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José,

Candido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona. (ASSIS, 1995, p. 7)

Cândido Neves didn't give him time to finish. He rushed out, crossed the street, and followed the woman at a distance until he could sneak up behind her unseen. It was her, all right, the runaway herself. (ASSIS, 2013, p. 71)

Mais da metade do primeiro período é substituída pela frase “followed the woman at a distance until he could sneak up behind he runseen”, que, em tradução livre, é “seguiu-a a distância até que fosse possível pegá-la<sup>7</sup> pelas costas sem que ela percebesse”, resumindo toda a ideia em detrimento de algumas partes linguísticas do texto fonte, neste caso, do momento que explica que a escrava já estava prestes a cruzar a Rua São José. Além disso, nesse caso, não há a repetição da palavra “mulata”, como já vimos anteriormente. Apenas a menção à sua situação “the runaway herself” (a fugitiva), que, ainda assim, é facilmente identificada pelo leitor.

Nota-se, também, no trecho em que Cândido luta contra a sua situação para se demorar a entregar o recém-nascido à Roda dos Enjeitados: “– Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele” (ASSIS, 1995, p. 7) / “I won't give him up untill the last minute, he murmured” (ASSIS, 2013, p. 71). O verbo em ambas as traduções concorda com os seus significados: entregar; no entanto, há a presença de termos que indicam uma tradução não literal, “fiel” em todas as palavras do texto: “o mais tarde que puder / untill the last minute”, em tradução livre, o excerto em língua inglesa significa “até o último minuto”. Apesar de não ser uma tradução exata no que diz respeito à linguagem, percebe-se a manutenção do sentido, uma vez que a expressão “no último minuto” pode representar a procrastinação do pai, evitando, até o último momento, separar-se do filho.

Caso similar é encontrado no trecho a seguir:

— Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois?  
Perguntou Cândido Neves. (ASSIS, 1995, p. 8)

“It's your own fault. Who told you to run away pregnant?” asked  
Cândido Neves. (ASSIS, 2013, p. 72)

---

<sup>7</sup> “sneak up” expressa a ideia de levar algo ou alguém escondido / furtar. Enquanto “unseen” significa invisível, na frase é utilizado com significância equivalente a não ser notado (no texto fonte: “sem dar alarma”).

No inglês não há equivalente exato para “fazer filhos”. Uma tradução literal, poderia, talvez, utilizar “to have sex with a man and get pregnant”, no entanto, “run away pregnant” (fugir grávida) não consegue captar todo o sentido da pergunta de Candido Neves à Arminda: ele ironiza a situação da escrava, de fazer filhos e não poder criá-los. Na sua fala, no conto original, é bem demarcada a atitude desumana de Candido ao culpar a escrava por fugir depois de ter engravidado, como se a ela lhe fosse negado o direito de ter filhos, enquanto que, na tradução tal atitude passa por uma certa suavização de sentido, permitindo que se infira que a decisão e oportunidade de fuga surgiram aleatoriamente, apesar de ela estar grávida.

Há ainda o uso de duas palavras em língua inglesa para diferenciar os sentidos com que elas são empregadas no português. No texto fonte, “senhor” é utilizada com dois sentidos: o primeiro, no trecho “Estou grávida, meu senhor!”, em que Arminda tenta retrucar com Cândido, e o segundo em “Meu senhor!”, quando Arminda encontra o seu dono (ASSIS, 1995, p. 8). É o mesmo tratamento, contudo para pessoas diferentes. Em inglês, percebe-se a preocupação do tradutor em definir para o leitor exatamente para quem Arminda se dirige: para o primeiro trecho, “I am pregnant, good sir!”, um tratamento respeitoso para um estranho, e para o segundo, “Master!”, um tratamento respeito direcionado apenas a seu mestre (“owner”, como ele é chamado) (ASSIS, 2013, p. 72, 73).

Por fim, há que se mencionar ainda as diferenças na pontuação entre uma tradução e outra, contudo, sendo características dos idiomas tanto do texto fonte quanto do texto alvo. Por exemplo, é recorrente o uso de vírgulas antes da conjunção aditiva “e” (and) na língua inglesa ao passo que na língua portuguesa não há tal regra. Os casos observados, nos contos comparados, mostram que a troca da pontuação acontece por dois motivos: (i) adequar o texto ao idioma que se quer traduzir e (ii) dar coesão à tradução, como se nota no trecho “Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem...” (ASSIS, 1995, p. 8) que é traduzido como uma pergunta “What time was it? Whatever the time...” (ASSIS, 2013, p. 73). Nestes casos, ainda que as pontuações mudem a sintaxe das frases e períodos em ambas as línguas, nota-se que a totalidade do texto é apreendida tanto na língua original quanto no idioma alvo (ARROJO, 2003).

A tradução interlingual (ARAUJO, 2012) aqui, desconsidera a equivalência exata das palavras, como foi observado anteriormente, contudo, preserva no conto a

sua essência na maior parte das vezes: a crítica à sociedade da época em relação à tríade latifundiário/homem livre/escravo e aos meios de sobrevivência compreendidos naquele momento em um enredo cujo ponto focal é a fuga, tanto da escrava mãe quanto do homem livre pai, embora sob motivos diferentes. No entanto, percebemos que a tradução aqui analisada deixa de contemplar alguns pormenores tão caros à ironia machadiana como os nomes das ruas e a fala de Candido Neves para Arminda sobre a irresponsabilidade entre “fazer filhos” e poder criá-los.

## CONCLUSÃO

De maneira geral, com este trabalho compreendemos um pouco da trajetória de Machado de Assis como escritor de críticas, romances, poemas, contos, crônicas, dando uma melhor visibilidade à sua atividade de tradutor, ainda que seja analisada uma tradução do seu conto para a língua inglesa.

Poucos são os estudos acerca da tradução de Machado de Assis de outros idiomas para o português. No entanto, diversas são as críticas feitas com relação aos seus textos traduzidos, levantando a questão: tratam-se de traduções ou adaptações? Levando em conta as teorias acerca da tradução observadas, pode-se constatar que as duas opções mantêm uma certa proximidade, isto porque, no caso dos poemas traduzidos, a métrica dos idiomas à época mostrava divergências, sendo necessária uma adaptação para manter o sentido no idioma alvo, desse modo, falando em fidelidade da tradução, Machado de Assis não era tão fiel à questão linguística, mas se atinha ao sentido e imagens evocados no texto.

Percebeu-se também, com este estudo, as diversas características que definem a teoria da tradução, a saber três delas, a tradução intralingual, interlingual e intersemiótica. Destas, a análise do corpus abarcou a tradução interlingual, que leva em conta as traduções entre idiomas, utilizando termos não muitas vezes exatos, mas antes, equivalentes. Essa não exatidão acontece justamente por conta das traduções não serem plenamente equivalentes, justificando o uso de signos similares, algumas vezes diferenciando seus sentidos, como é o caso de “Master” e “Good Sir”, que em português são representados apenas pela palavra “Senhor”.

O conto machadiano possibilita diversas discussões a respeito da sociedade da época, da situação humana e do contexto escravocrata, de uma nacionalidade e do desenvolvimento social da literatura nacional, alguns desses conceitos estão intrincados no conto em questão. Uma das preocupações, neste caso, era a de que a tradução, como processo que leva em conta a cultura, conseguiria preservar o sentido do texto da língua original para a língua alvo e constatou-se que o tradutor manteve os mesmos sentidos, até mesmo por não mudar determinadas palavras, como “mulata” e “milréis” que são fundamentais para chamar atenção do leitor à cultura do país. Isto é, ao ler o conto em inglês, o leitor se verá na situação de procurar saber o



que é esta palavra. No caso de “mulata”, por exemplo, em que se aprende que os escravos eram essencialmente pessoas negras, o cuidado em manter a palavra sem tradução evidencia a preocupação do tradutor em mostrar que aquela situação já não era específica de um contexto em que um escravo puramente negro havia fugido, mas demonstra o fato de já ter havido certa miscigenação no país na época representada no conto.

Assim, evidencia-se que, apesar de haver diferenças linguísticas de acordo com a escolha lexical, há a manutenção do sentido e da cultura em ambos os contos, ainda que a escolha do léxico, por exemplo ao falar em ruas próximas às igrejas (no inglês) quando se quer referir às ruas da Ajuda e do Bom Parto (no português), possibilite realizar uma leitura diferente daquela no idioma original. Percebe-se, portanto, a influência significativa das características culturais e sociais sobre a questão linguística para o processo de retextualização de um texto em uma tradução para um idioma diferente.

## REFERÊNCIAS

- ALBANO, S. A. **Em cena**: os bastidores da sociedade brasileira em contos de Machado de Assis. Florianópolis: UFSC, 2006. Dissertação.
- ARAUJO, R. de O. S. **A “escrevivência” de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio**: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e inglês. João Pessoa: UFPB, 2012. Tese.
- ARROJO, R. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 2003.
- ASSIS, M. de. **Relíquias de casa velha**. Pará: NEAD – UNAMA, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Machado%20de%20Assis-20.pdf>> Acesso em: out, 2018.
- \_\_\_\_\_. **The alienist and other stories of nineteenth-century Brazil**. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc. 2013.
- BERMAN, A. Tradução etnocêntrica e tradução hipertextual. In: BERMAN, A. **A tradução e a letra**, ou, o Albergue Longínquo. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007, p. 28-44.
- BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMPOS, A. L. P. Machado de Assis, um Poeta Satírico? **Em Tese**, v. 10, Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- CARVALHO, F. M. de. **O dicionário do folclore brasileiro**: um estudo de caso da etnoterminologia e tradução etnográfica. Brasília: UnB, 2013. Dissertação.
- CHANUT, M. E. P. A tradução ética em “A Prova do Estrangeiro”. **Revista Criação & Crítica**, n. 9, 2012.
- CINTRA, G. TRAVAGLIA, N.G. Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual. Uberlândia: EDUFU, 2003, 239 p. **TradTerm**, v. 14, 2008.
- DUTRA, L. **Tradução, teorização, traição**. Primavera. Universidade da Islândia, 2008.
- FLORES, D. do N. R. Machado de Assis, tradutor de Longfellow. **Machado Assis Linha**, v. 10, n. 20, 2017.
- FREITAS, D. J. de T. **A composição do estilo do contista Machado de Assis**. Florianópolis: UFSC, 2007. Tese.

GUIMARÃES, H. de S. **Os leitores de Machado de Assis**: o romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: UNICAMP, 2001. Tese.

JUNIOR, R. R. de A. Ficção e história em Machado de Assis, a serviço de uma visão crítica. **Revista Eletrônica Igarapé**, n. 3, 2014.

MANGUEIRA, J. V. “Nem todas as crianças vingam”: relação social em “Pai contra mãe”. **Darandina Revista Eletrônica**, v. 2, n. 1. UFJF, 2009.

MIRANDA, J. A. Linguagem e método crítico de Machado de Assis. **Interfaces**, v. 2, n. 1, Belo Horizonte, 2016.

OUSTINOFF, M. **Tradução**: história, teorias e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PAZ, O. **Tradução**: literatura e literalidade. Edição Bilíngue. Tradução de Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

REBELATTO, M. **Fugas escravas e quilombos na Ilha de Santa Catarina, no século XIX**. Santa Catarina: UFSC, 2006. Dissertação.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROMERO, S. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1954.

SETTE, L. Machado Tradutor de Assis: a construção da identidade de tradutor no século XIX. **ScientiaTraductionis**, n. 14, 2013.

VIEIRA, E. R. P. André Lefevere: a teoria das refrações e da tradução como reescrita. \_\_\_\_\_ (Org.) **Teorizando e contextualizando a tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1996.

## ANEXOS

### PAI CONTRA MÃE

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com freqüência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando. Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse.

Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", — ou

"receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, — em família, Candinho,— é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não agüentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer [p. 2] aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dous. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era,

como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi—para lembrar o primeiro ofício do namorado, — tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

— Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto.

— Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

— Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

— Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara.

Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi. A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digerira-se sem esforço. Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo. [p. 3]

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

—Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas.

A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

—Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

—Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara.

—Nascem, e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco...

—Certa como?

—Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

—A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

—Bem sei, mas somos três.

—Seremos quatro.

—Não é a mesma coisa.

— Que quer então que eu faça, além do que faço?

— Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

— Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando

de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os vencía sem o menor arranhão.

[p. 4]

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

—É o que lhe faltava! exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas conseqüências. Deixe-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra cousa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

—Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!



Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.

—Titia não fala por mal, Candinho.

—Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor,— crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou [p. 5] maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dous foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

—Quem é? perguntou o marido.

—Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

—Não é preciso...

—Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a

retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

—Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Cândido Neves, no desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dous dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e [p. 6] Largo da

Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

—Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele.

Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

—Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

—Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

—Estou grávida, meu senhor! Exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

— Siga! Repetiu Cândido Neves.

—Me solte!

—Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e [p. 7] naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, —coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

—Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

—Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

— É ela mesma.

—Meu senhor!

—Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as conseqüências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enfeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

— Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.[p.8]

## FATHER AGAINST MOTHER

*We come at last to a story by Machado de Assis in which a slave plays a central role: “Pai contra mãe.” Even in this story, the slave catcher is the protagonist, although not because the author has any liking for him. Cândido, a good-natured good-for-nothing, is the father of the title. The mother is the escaped slave Arminda, who is pregnant when Cândido catches her. Cândido and his wife, Clara, another seamstress, are threatened with the loss of their newborn son, whom they may have to leave in something called the “foundling’s wheel,” which is a small rotating door to a convent, where nuns would find the infant and care for it as an orphan. The story was published in 1906, shortly before the author’s death, and, unlike the enormous majority of his stories, this one did not appear first in the newspaper. It was written well after the abolition of slavery, when slaves had not been numerous for decades. Improvidence and debt are on the prowl again in this second story about life among the not-so-rich majority in nineteenth-century Rio. But the great evil here is unmistakably slavery itself. There is a powerful sense, in this story, that the author is saying things he often would have liked to say in the past. And this time, quite unusually, the narrator is none other than Joaquim Maria Machado de Assis himself, more or less unmediated and is person.[p. 61]*

Like other social institutions, slavery brought with it a number of activities and artifacts. Let me mention a few artifacts associated with a particular activity of interest to our story. A sort of iron collar is one; an iron chain attached to the ankle, another; and, third, a metallic mask. The mask eliminated the vice of drunkenness among slaves by covering their mouths. It had only three openings – two for the eyes and one to breathe through – and it was fastened with a lock behind the head. Without the vice of drunkenness, slaves lost the temptation to steal, because it was commonly a coin or two belonging to the master that they used to buy a drink. So the mask eliminated not one vice, but two, and guaranteed both sobriety and honesty. The mask was grotesque, admittedly, but social order is not always achieved without grotesquery and, sometimes, cruelty. Tinsmiths hung these masks for sale by the doors of their shops. But let’s not worry about masks.

The iron collar was locked around the neck of slaves who had attempted to escape, following their recapture. Imagine a thick iron ring and, on it, to the left or the right of the wearer's neck, a thick iron bar extending up to the height of the wearer's head. It was a heavy, of course, but it was less a punishment than a marker. Any slave who ran away again wearing such a collar would be noticed wherever he went and quickly recaptured.

Half a century ago, slaves ran away frequently. There were a lot of a slaves, back then, and not all of them liked slavery. They were occasionally beaten, and not all of them liked to be beaten. Many were merely scolded, of course, because someone in the household defended them or because their owners were not mean or simply did not want to damage their property. Money, apparently, can feel pain, too. Still, slaves kept running away. Sometimes – although this was rare – a recently imported slave would sprint away from the Valongo slave market through the streets of Rio de Janeiro without any idea of where he was going. Newly imported slaves who were purchased and taken home soon learned their way around the streets and acquired the rudiments of Portuguese. Then [p. 62] they would ask the master to let them go out daily and earn money for him as street vendors or slaves for hire, and these had many opportunities to run away.

The owner of a runaway slave offered a monetary reward to whoever brought him back. He put an advertisement in the newspaper with a description of the runaway – name, clothing, any noticeable physical defect, the neighborhood where the slave was last seen, and the amount offered in bounty. When the ad mentioned no specific amount, it promised “a generous reward.” Such ads often contained a small illustration of a barefoot black man running, a sack with his few belongings slung over against anyone who aided or abetted the escape.

Now, catching escaped slaves was then a common occupation, useful, if not exactly noble, and, because it enforced the law and the sanctity of property, it had a secondhand sort of respectability. No one studied slave catching or took it up merely as a pastime, however. Poverty, a chance occurrence, the desire to serve, a lack of aptitude for other sorts of work, but most often the simple need to make ends meet – such were the motivations of the valiant men who imposed order on disorder in midcentury Rio de Janeiro.

Cândido Neves – Candy, to friends and family – the person about whom this story of a slave catcher is being told, was motivated by poverty, pure and simple. He couldn't tolerate any sort of trade or employment. He was "jinxed," he said. His first idea was to learn typesetting, but he quickly saw that it would take time to master and, even then, he told himself, might not pay enough. He liked the idea of business, which was an excellent career, and so became cashier at a small store. In practice, though, serving customers at the counter annoyed him and wounded his pride, so he quit after five or six weeks. Letter carrier, notary's assistant, messenger for an imperial ministry, and other jobs – were jettisoned soon after he got them.

When he fell in love with Clara, he had only debts to his name – not too many, though, because he lived with his cousin, a wood-carver by trade. After various failed attempts to find other work, he decided to enter his cousin's trade, [p. 63] of which he already knew some elements. He easily learned more, but he was in a hurry and didn't learn them very well. So he stayed away from anything delicate or complicated, doing only claw-feet for sofas and carving for the backs of chairs. He wanted to be employed when he got married, and that didn't take long to happen.

He was thirty years old, Clara twenty-two. She was an orphan and lived with her Aunt Monica, in whose house she did needlework. She wasn't so busy sewing that she couldn't have boyfriends, but the boyfriends were only interested in killing time with her, so it appeared, and nothing else. They spent afternoons in the sitting room, gazing at her, and she at them, until the evening, when she had to go sew. She noticed that she didn't really like them and didn't miss them in their absence. She possibly never learned the names of many. She *did* want to get married, naturally. Her aunt said that it was like fishing: you just waited, cane pole in hand, to see if anything took the bait. But nothing did. Most fish swam by without stopping, and the few that stopped merely poked at the bait without taking it before swimming away in search of something better.

Love brings us various missives. One has to open the envelopes to see what is inside. When Clara first saw Cândido Neves, she felt immediately that this might be her future husband, the one and only. They met at a dance. Such, one could say, recalling the attempted initial profession of the groom, was page one of their romance, a book that turned out poorly typeset and worse bound. The wedding took place eleven months later, with quite a celebration. Clara's friends tried to dissuade her from the step that she was about to take. They did not deny that the groom was a fine fellow, or



that he loved her, or that he possessed a number of virtues. But they said that he was too fond of partying.

“Thank goodness,” replied the bride. “At least I’m not marrying some boring old hulk!”

“An old hulk, no. It’s that...”

But they didn’t finish the sentence. After the wedding, however, Aunt Monica spoke to them at the rundown house, [p. 64] where they had gone to live. She wanted to talk about their idea of have children. The new couple wanted to have one, just one, even though a child might try their scarce resources.

“You’ll starve to death, and the child, too,” the aunt told her niece.

“The Virgin, Our Lady, will provide for us,” replied Clara.

Aunt Monica should have delivered her dire warning when Cándido had proposed to the young woman. But Monica, too, was fond of celebrations, and liked the idea of a wedding. The three of them were fun loving. The couple laughed about everything, even their names – Clara, Neves, Cándido – all about whiteness and purity. Their high spirits put no food on the table, but laughter is easily digested. Clara sewed more now, and Cándido took odd jobs, nothing steady.

They did not give up the idea of having a child, however. It was the child who, apparently unaware of their plan, failed to materialize. One day, though, the child finally gave notice of its impending arrival; boy or girl, it was the blessed fruit that would bring them the future they’d sighed for. Aunt Monica felt a bit uncertain, but Cándido and Clara laughed at her worries.

“God will surely help us, Aunt Monica,” insisted the expectant mother.

The news flew from neighbor to neighbor. They had only to await the big day. The wife sewed more eagerly than before, which was a good thing, because now, in addition to the sewing that she did for money, she had to start piecing together the baby clothes out of scraps. She thought about the baby clothes until it seemed to her that she already had the baby, so much did she measure and sew for its diapers and little shirts. The scraps were small, and the intervals between them, large. Aunt Monica helped, it’s true, though resentfully.

“You’ll see how hard life is,” she sighed.

“Don’t other people’s babies get born somehow?” asked Clara.

“They get born, and their parents have a steady means to feed them, even if it’s not much.”

“What do you mean ‘a steady means’?”

“I mean a job, an occupation. What does the father of that unlucky kid that you’re expecting spend his time doing?” [p. 65]

Cândido Neves, as soon as he heard about the aunt’s warning, went to talk with her, and although he wasn’t rude to her, he was much less gentle than usual. He demanded to know if she had ever gone hungry while he was living with her.

“You only fast during Holy Week, and only then because you decline to share whatever I’m having. We never go without our codfish.”

“sure, but there are just three of us.”

“So there will be four.”

“It’s not the same thing.”

“what do you want me to do, then, that I’m not already doing?”

“something more reliable. Look at that cabinetmaker fellow, the guy who runs the corner store, the typesetter who got married on Saturday... they all have steady jobs. Don’t get mad, now. I’m not saying that you’re worthless, I’m saying what you’re doing is worthless. Weeks go by that you earn nothing at all.”

“Yes, but one evening soon I’m going to more than make up for it. God won’t abandon me. Those runaways know they can’t play games with tours truly. Very few resist at all. A lot of them don’t even try to run and just surrender right away.”

He spoke with pride. It was money in the bank. Before long he was laughing, and soon Monica was laughing, too, because she was naturally fun-loving and the baptism promised a big party.

Cândido had lost the wood-carving job the way he’d let go of many others, better ones and worse ones. Now he was keen to catch slaves. Slave catching didn’t require you to stay a long time sitting in one place. It only required strength, a sharp eye, patience, courage, and a piece of rope. Cândido Neves read advertisements concerning escaped slaves, carefully copied them on a bit of paper that he put in his pocket, and went out to do some research. He had a good memory. Once he had assimilated the information about runaways, he quickly found, caught, tied them, and let them away. He was impressively strong and agile. More than once he was standing on a corner conversing absentmindedly and, among [p. 66] many slaves passing by,

recognized one as a runaway. And he knew which one – the name, the owner’s name, the owner’s address, and the amount of the reward, too. He didn’t grab the slave right away, either. He waited for the right moment and then, one jump, and the reward was in his hands. Sometimes he shed a drop of blood, the work of the other person’s teeth and fingernails, but mostly he got by without a scratch.

One day Cándido’s profits began to diminish. Runaways didn’t come up and jump into his arms anymore. Other, very capable hands were at work. Slave catching was a growing business and lots of unemployed men had seen the potential, found a rope, copied the ads, and joined the chase. Cándido had more than one competitor in his own neighborhood. Now his debts began to rise without the payments that, at first, had been on time or almost on time. Life suddenly got harder. They borrowed money for food, and they didn’t eat so well. Sometimes it was a long time between meals. The landlord sent repeatedly for the rent.

Clara didn’t even have time to mend her husband’s clothes because she was busy sewing for money at all hours. Aunt Monica helped her niece, naturally. When Cándido got home in the evenings you could see in his face that his pockets were empty. He ate supper and went out again to look for runaways. Blinded by the necessity, he now occasionally grabbed the wrong person, a faithful servant doing an errand for his master. Once he captured a free man of color. He apologized a thousand times but the man’s relatives left him black and blue.

“It was bound to happen,” said Aunt Monica when she saw him walk in and after she heard his story about the mistake and its consequences. “Give it up, man! Look for a different line of work.”

Cándido did decide he wanted another job, but not because of Monica’s advice. He was simply ready for a change of pace. The only problem was finding an alternative trade that he could learn quickly enough.

Nature moved along: the fetus was growing, a considerable burden to its mother even before being born. The eighth [p. 67] month arrived, a difficult month, though less than the ninth, so let’s skip them both and narrate only their impact, which could not be more bitter.

“No, Aunt Monica!” howled our Cándido, refusing advice that I’d rather not put in print, advice hard for the father to hear, no doubt. “Not that! Never!”

It was in the last week of the last month that Monica advised the couple to leave the baby in the foundling's wheel. There could hardly be a worse word for two young expectant parents, eager to kiss and care for their baby, eager to watch it laugh and grow fat and sassy. The foundling's wheel! Cándido looked in horror at the aunt and finally pounded his first on the dining table. The table was old and shaky and seemed about to collapse entirely. Clara spoke up:

"Aunt Monica isn't trying to be mean, Candy."

"Mean?" said Monica. "It's the best thing for you and for the baby, too. You're deep in debt and can't keep food on the table now. How is this family going to get bigger without more money? And, anyway, you've got plenty of time. In a few years, when you can afford them, *then* you can have children, and you'll want them as much as this one, or even more, because then you can take of them. Someone else will raise this one, and it will be fine. Leaving it in the foundling's wheel isn't like leaving it on the beach or in some trash heap. At the convent, at least it won't die, and here it *will*, if it doesn't get enough to eat. So..."

Aunt Monica concluded the phrase with a shrug of her shoulders and, turning her back, went into her room. She had insinuated the idea before, but never so frankly, heatedly, or – if you prefer – so cruelly. Clara reached over to her husband, as if to comfort him. Cándido Neves made a face and called the aunt crazy under his breath. The couple's tender moment was interrupted by someone knocking on the front door.

"Who's there?" inquired the husband.

"It's me."

It was the landlord, to whom they owed three months' rent and who had come in person to give them an ultimatum. His tenant invited him in. [p. 68]

"That will not be necessary..."

"Please be so kind..."

The landlord entered but refused to take a seat. He cast his eyes over the furniture to calculate its value and saw a little. He had come to collect what they owed; he could wait no longer and, unless he was paid within five days, he would evict them. He had not worked hard all his life to give others a free ride. No one would think, to look at him, that he was a landlord, but his hard words more than compensated for his mild appearance, and Cándido made no reply. He inclined his head, half in acquiescence and half in supplication. His creditor offered no concessions.

“You have five days, or you’re out,” he said, lifting the latch and leaving.

Our Cândido went out as well, but in a different direction. He never panicked in such situations. He would get the money somehow, no telling how, but somehow, he was sure. He took a look at the announcements of runaway slaves. There were several, including some that he had seen for weeks. But he spent a few hours looking around without results and then went home. Four days later he remained empty handed and was ready to try anything. He went to talk to various of the landlord’s friends, getting only the suggestion that he vacate the premises.

The situation had become acute. They had found nowhere to move, no one to help them. They were going to be out in the street. They were not counting on Aunt Monica. The aunt, meanwhile, had artfully located a place for the three of them to live, a room or two behind the carriageway belonging to a rich old lady of her acquaintance, the sort of place where slaves used to live. Even more artfully, the aunt had said nothing about the rooms to Cândido, hoping that desperation would drive him to take the child to the foundling’s wheel and then find a steady job – straighten out his life, in a word. She listened to Clara’s lamentations, without adding her own, but also without offering consolation. She intended to astonish the couple, on the day of their eviction, with the good news that they would not have to sleep in the street after all. [p. 69]

And so it happened. Evicted, they moved into the rooms that had been offered, and two days later the baby was born. The father’s joy was enormous, as was his sadness, too. Aunt Monica insisted that the baby must be taken to the foundling’s wheel. “If you don’t want to take it, let *me*. I’ll go.” Cândido Neves pleaded with her to wait. He would take the baby himself. It was a boy, readers, exactly what both parents had wanted. They had only a little milk to give it, but, because rain was falling that evening, the father put off taking the baby to the foundling’s wheel until the following evening.

In the meantime, he reviewed all the notices concerning runaway slaves. Most did not specify the reward; others offered a negligible amount. One, however, promised a hundred milréis. The notice described a woman, a young mulata, with details about her physical appearance and the clothes that she had been wearing when she ran away. Cândido Neves had searched for her days earlier, without luck, and had given up looking. He had decided that, young and pretty, she must be hiding in the house of a lover. Now, however, the sizeable reward and his urgent need for money inspired

Cândido Neves to make a final, supreme effort. The next morning he went out to search around Carioca Square and in the neighborhood around the churches of Our Lady of Perpetual Help and Our Lady of the Good Birth, where the runaway had last been seen. He did not find her. His only lead came from an apothecary who remembered selling an ounce of some medication, three days earlier, to a woman who matched her description. Cândido Neves, who spoke as if he were the runaway's owner, thanked the man politely. He had no better luck looking for the other runaways whose reward were unspecified or insignificant.

He went back to his sad provisional residence. Aunt Monica had made supper for the new mother and gotten the baby ready to take to the foundling's wheel. The new father could hardly conceal his anguish. He refused to eat the plate of food that Aunt Monica had put aside for him. He wasn't hungry, he said, and it was true. He racked his brain for ways to keep his son, but he could think of nothing. The poor rooms [p. 70] where they had taken shelter reminded him of their desperate situation. He turned to his wife, who seemed resigned. Aunt Monica had painted her a lurid picture of the fate that awaited the child if it were not given for adoption. Cândido Neves found himself obligated to do what he had agreed to do. He asked his wife to feed the child for the last time. She did so, the little one fell asleep, and he gathered it in his arms and went out.

More than once he almost turned around, it's true – and true, too, that he held his baby tenderly, kissed it, and carefully covered his face to protect it from the night air. When he reached Old Guard Street, his steps began to slow down.

"I won't give him up until the last minute," he murmured.

As Old Guard Street is not infinite, however – rather short, in fact – he soon approached the end, and it occurred to him then to turn down a narrow alley connecting Old Guard to the Street of Our Lady of Perpetual Help. As he emerged onto the broader thoroughfare, he was about to go right, toward the church of Perpetual Help, when he noticed the figure of a woman across the street. It was the runaway mulata. I will not try to describe the commotion that Cândido Neves experienced in that moment, because no description could communicate its real intensity. Let's just say that it was enormous. She continued down the street, he turned in the same direction, and within a few steps he came upon the shop of the apothecary with whom he had spoken

earlier. He entered and asked the apothecary to take care of the baby for an instant. He would be right back.

“But –”

Cândido Neves didn't give him time to finish. He rushed out, crossed the street, and followed the woman at a distance until he could sneak up behind her unseen. It was her, all right, the runaway herself.

“Arminda!” he shouted, remembering the name from the advertisement.

Arminda turned around, suspecting nothing. It was only then, when Cândido Neves pulled a length of rope from his pocket and pounced, grabbing her by the arm, that she [p. 71] understood the danger and tried to flee. But it was too late. Cândido's powerful hands bound her wrists, and he told her to get moving. The slave wanted to scream, and did produce a small, stifled cry, but immediately realized that it was hopeless. No one would come to her aid – rather, to the contrary, anyone who came would help her assailant, whom she now begged to release her, please, for the love of God.

“I am pregnant, good sir!” she exclaimed. “If the gentleman has any children of his own, I implore him to remember that child and let me go. I will be his slave and serve him as long as he wishes. Please, young sir, please let me go!”

“Get moving!” repeated Cândido Neves.

“Let me go!”

“Get moving! I'm in a hurry!”

A struggle ensued, because the slave would not take a step, forcing Cândido to drag her and her unborn baby along the street. People passing by, or standing in the doorways of shops, recognizes what was happening and naturally didn't interfere. Arminda was protesting that her master was cruel and would probably have her punished with a whip – a punishment that, in her condition, she couldn't withstand. Yeas, he would almost certainly have her flogged!

“It's your own fault. Who told you to run away pregnant?” asked Cândido Neves.

He was in no mood for foolishness, thinking of his own child, whom he had left waiting with the apothecary. He wasn't much of a talker, anyway. He dragged the struggling slave down Goldsmith Street toward the corner of Customs House Street, where her master lived. When they got there, the struggle intensified. The slave put her feet against a wall and resisted turning the corner with all her might, but to no avail.

All she achieved was a delay, and after more minutes than it should have taken, she arrived at the house, panting and desperate, and there she dropped to her knees, pleading one last time. Her master was at home and, hearing a knock and scuffle, opened the large door.

“Here’s your runaway,” said Cândido Neves.

“That’s her, all right!” [p. 72]

“Master!”

“Get on inside.”

Arminda fell into the open doorway. The slave’s master promptly pulled out the reward of one hundred milréis. Cândido Neves carefully folded the two bills of fifty milréis, as the master ordered his slave a second time to go on into the house. On the floor, where she lay in exhaustion, pain, and terror, the slave miscarried.

Her half-formed fetus emerged lifeless into the world, amid the groans of its mother and the exasperation of her owner. Cândido Neves took in the whole scene. What time was it? Whatever the time, he needed to get back to the Street of Our Lady of Perpetual Help, and he did so, without waiting to see anything else.

When he got there, he found the apothecary alone, with no sign of the child who had been left in his care. Cândido Neves wanted to strangle the man. Fortunately, though, the apothecary explained everything. The child was with his family in his house behind the shop, and the two men went there. The father grabbed his son no less furiously than he had grabbed the runaway slave shortly before, though this was a different sort of fury, of course – the fury of love. He offered hurried and inadequate thanks, raced out the door, and headed not for the foundling’s wheel but for his temporary lodgings, clutching his baby and the reward money. When Aunt Monica heard the whole story, she forgave the baby’s return home along with the one hundred milréis. She did have a few hard words for the slave, a runaway whose miscarriage was a costly loss to the master. Unconcerned about the miscarriage, Cândido Neves cried real tears as he kissed his little son.

“Not all children are meant to make it,” said his beating heart. [p. 73]